



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

CANA-DE-AÇÚCAR | **SAFRA 2025/26**
3º LEVANTAMENTO

NOVEMBRO 2025

volume 13

NÚMERO

3

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antonio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Lucas Barbosa Fernandes
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer
Walquiria de Lima Mesquita

Superintendências regionais

Alagoas, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

Adeildo Gomes de Santana, Antônio de Araújo Lima Filho, Adriano Jorge Nunes dos Santos e Ilo Aranha Fonseca (AL); Érica Alfaia Marialva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz (AM); Ednabel Caracas Lima, Fausto Carvalho Gomes de Almeida, Joctâ Lima do Couto e Marcelo Ribeiro e Orfrezino Pereira Ramos (BA); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fer-

nandes Lima, Roberto Alves de Andrade, Rogério César Barbosa e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Joanice Araújo e Rogério Prazeres (MA); Benancil Martins Filho, Gabriel Pedrozo Heise, Ismael Cavalcante Maciel Junior e Rogério de Souza Silva (MT); Getúlio Moreno, Edson Yui, Marcelo de Oliveira Calisto e Mário Adriano Silva Moreira (MS); Alessandro Lúcio Marques, Flávio José Goulart, Hélio Maurício Rezende, Márcio Carlos Magno, Pedro Pinheiro Soares e Samuel Valente Ferreira (MG); Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Renato Martins da Silva e Sérgio Alberto Queiroz Costa (PA); Ana Paula Alves Cordeiro, Bruno Eduardo Dias Oliveira e Matheus Rodrigues de Sousa (PB); Adilson Valnieri, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Charles Erig Daniela Furtado de Freitas e Itamar Pires de Lima Júnior (PR); Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marculino da Silva, Rafael Silva de Lima, Rinaldo de Souza e Thiago Nery da Cunha (PE); Antônio Cleiton da Silva, Simone do Nascimento Luz, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Fernando Henrique Vidal Lage, Lireda Bezerra e Rafael Wagner Machado (RN); Cláudio Lobo, Elias Tadeu, Marisete Belloli, Maykon Florencio Ferreira e Rubens Praude (SP); Flaviano Gomes dos Santos, José Bomfim Oliveira Santos Júnior e José de Almeida Lima Neto (SE); Felipe Thomaz de Souza Carvalho, Bruno Milhomem, Jorge Antônio de Freitas Carvalho (TO) e Warnner George Rodrigues Jorge.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

CANA-DE-ACÚCAR | SAFRA 2025/26
3º LEVANTAMENTO

Copyright © 2025 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7921

Colaboradores

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Marília Yamashita, Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab (miolo)

Normalização
Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra: CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTCIMENTO. Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar, Brasília, DF, v.13, n. 3 outubro 2025.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de abril de 2014.

ISSN 2318-7921

1. Cana-de-açúcar. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

633.61(81)(05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

8	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
15	PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR
49	PRODUÇÃO DE AÇÚCAR
53	PRODUÇÃO DE ETANOL
58	SISTEMA DE COLHEITA
61	EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE AÇÚCAR E ETANOL



Resumo executivo

Neste terceiro levantamento, da safra 2025/26, com base nas informações obtidas em campo em outubro do corrente ano, estima-se uma produção de 666,4 milhões de toneladas, o que representa uma redução de 1,6% em relação ao ciclo anterior.

Essa diminuição decorre das restrições hídricas observadas durante as fases de desenvolvimento das lavouras em 2024, principalmente na Região Centro-Sul, onde, além da irregularidade das chuvas e do excesso de calor, foram registrados focos de incêndio que afetaram parte dos canaviais. O resultado reflete as informações levantadas junto a todas as unidades de produção do setor sucroenergético.

Para esta safra, estão previstos 8.974,6 mil hectares destinados à colheita, 2,4% acima da área colhida no ciclo anterior. A produtividade média deve apresentar redução de 3,8%, influenciada pelo clima menos favorável, resultando em 74.259 kg/ha.

A redução na produção impacta também os volumes de etanol e açúcar, embora a produção do adoçante deva permanecer como a segunda maior da série histórica da Conab. Observa-se ainda um comportamento atípico

na relação entre produtividade e açúcar total recuperável (ATR), que normalmente apresentam relação inversa. As condições climáticas adversas, especialmente a falta de chuvas e as altas temperaturas, afetaram a fisiologia da planta, reduzindo a formação de biomassa e limitando o acúmulo de sacarose. A ocorrência de queimadas e geadas, quando presente, agravam a redução de ATR e produtividade.

REGIÕES PRODUTORAS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

SUBPRODUTOS

uma produção de 2,82 bilhões de litros. A produção crescente de etanol derivado do milho é resultado de planejamento e investimentos, sobretudo na Região Centro-Oeste, mas se expandindo para outras regiões, em modernas unidades de produção.



Introdução

A Conab apresenta o terceiro levantamento da safra de cana-de-açúcar 2025/26. Após a segunda maior safra de cana-de-açúcar da série histórica da Conab, registrada em 2024/25, esta terceira estimativa confirma os reflexos dos problemas climáticos ocorridos em 2024. Ainda assim, o levantamento indica aumento da área colhida e maior destinação da matéria-prima à fabricação de açúcar, o que, se confirmado, resultará na segunda maior produção de açúcar na série histórica da Conab.

Além dos dados tradicionais, como a área cultivada, produtividade e produção, a pesquisa contempla informações sobre Açúcar Total Recuperável (ATR), açúcar e etanol, bem como os sistemas de colheita. Adicionalmente, o levantamento engloba a produção de etanol derivado do milho e outros cereais, que a cada safra aumentam sua participação na produção de etanol, trazendo segurança logística e sustentabilidade para o país.

As pesquisas da safra de cana-de-açúcar são realizadas em todas as unidades de produção do setor sucroenergético, por meio de censo. Como parte de sua metodologia, os dados apresentados refletem as informações fornecidas pelas unidades de produção, e a Conab utiliza modelos estatísticos para a previsão

de produtividade e ATR nas Unidades da Federação onde a colheita ainda não foi iniciada, com predominância na Região Nordeste.

O intuito da geração de dados não se limita em apenas fornecer informações acerca do setor agrícola brasileiro ao público, mas também de orientar o governo na tomada de decisões.

O Brasil, maior produtor mundial de açúcar, deve manter posição de destaque nesta safra, mesmo diante do desafio imposto pelo clima irregular e pela constante oferta do biocombustível.



Produção de cana-de-açúcar

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
8.974,6 mil ha +2,4%	74.259 kg/ha -3,8%	666.445,3 mil ha -1,6%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

ANÁLISE ESTADUAL

São Paulo

A moagem nesta safra tende a ser menor que no ciclo anterior, ainda que a redução não seja tão acentuada. Dentre os fatores responsáveis por esse cenário, destaca-se a escassez hídrica, sobretudo nos meses críticos para o desenvolvimento vegetativo da cana. A ausência de chuvas justamente no período em que a cultura mais exige disponibilidade de água comprometeu a formação dos colmos e o acúmulo de biomassa. Além disso, episódios de geadas consecutivas durante o inverno provocaram danos em diversos canaviais.

Apesar de todos os fatores climáticos favorecerem à um aumento da concentração de açúcar, e consequentemente do ATR, ele não ocorreu, ficando 3% abaixo ao obtido no último ciclo.

No período atual, observa-se o início do plantio visando a próxima safra. De forma atípica, algumas unidades têm buscado autorização para práticas de irrigação, o que demonstra o nível de preocupação quanto às condições climáticas recentes.

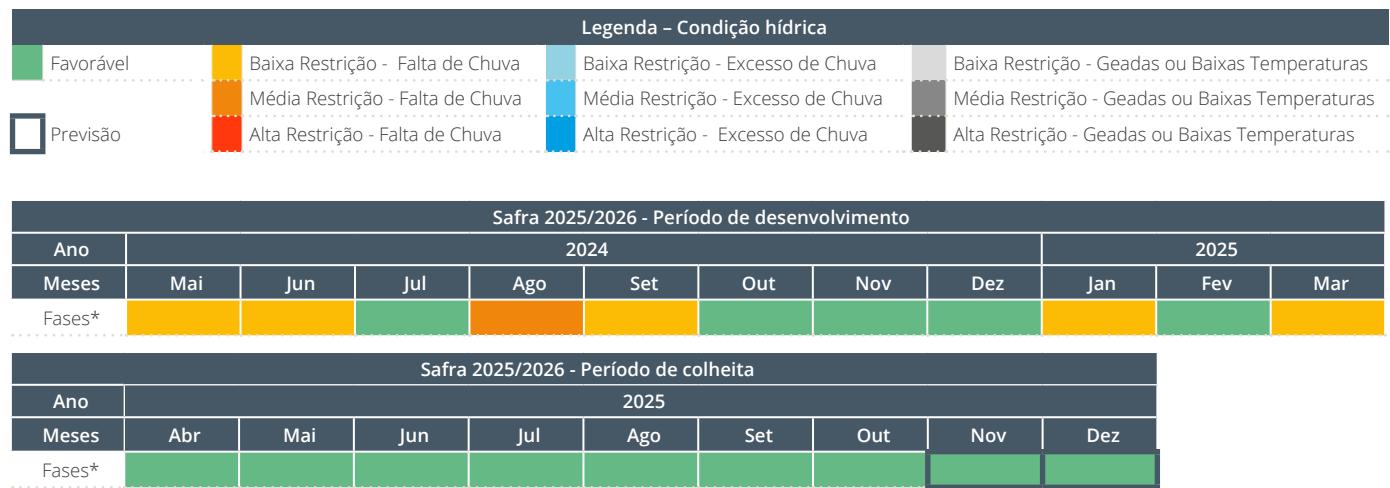
Grande parte das unidades industriais deverá concluir a moagem até meados de novembro. Apesar disso, há crescente apreensão quanto ao avanço do período chuvoso, que pode comprometer tanto a colheita quanto a qualidade da matéria-prima.

As unidades paulistas passaram a reorientar sua estratégia industrial, com maior ênfase na produção de etanol em detrimento da produção de açúcar. Essa mudança reverte o padrão observado nos últimos anos, quando a rentabilidade do adoçante motivava maiores volumes produzidos.

A virada alcooleira ocorreu de forma mais expressiva a partir de setembro, quando os preços do etanol passaram a superar os do açúcar. Inicialmente, essa migração era pontual, mas se intensificou com a desvalorização do açúcar no mercado internacional, que deixou de cobrir os custos operacionais de muitas unidades. Em paralelo, o etanol hidratado apresentou valorização contínua desde a segunda metade do inverno.

O comportamento climático também influenciou a mudança de mix, uma vez que chuvas mais frequentes previstas para o final da safra tendem a reduzir a concentração de sacarose. O recuo na produção de açúcar foi consecutivo nas últimas quinzenas avaliadas, refletindo a menor atratividade do adoçante e o estímulo econômico mais favorável à produção de biocombustíveis.

QUADRO 1 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA EM SÃO PAULO



Fonte: Conab.

Minas Gerais

As condições climáticas desta safra foram restritivas em relação ao ciclo anterior. A estação seca ocorrida em 2024 foi consideravelmente prolongada, o que acabou comprometendo parcialmente a rebrota dos canaviais e o início do desenvolvimento das novas brotações.

As precipitações, encerradas ainda em março de 2024, somente se normalizaram após a segunda quinzena de outubro. A partir desse período, as chuvas ocorreram de forma generosa e bem distribuídas até o final de janeiro, favorecendo a recuperação e o desenvolvimento dos canaviais durante essa janela.

Entretanto, em fevereiro de 2025 e parte de março, os volumes de chuva foram pouco expressivos. Além disso, as temperaturas permaneceram consistentemente acima da média histórica durante os períodos mais secos

— entre abril e outubro de 2024 e entre fevereiro e março de 2025 — o que ampliou o deficit hídrico devido ao aumento da evapotranspiração.

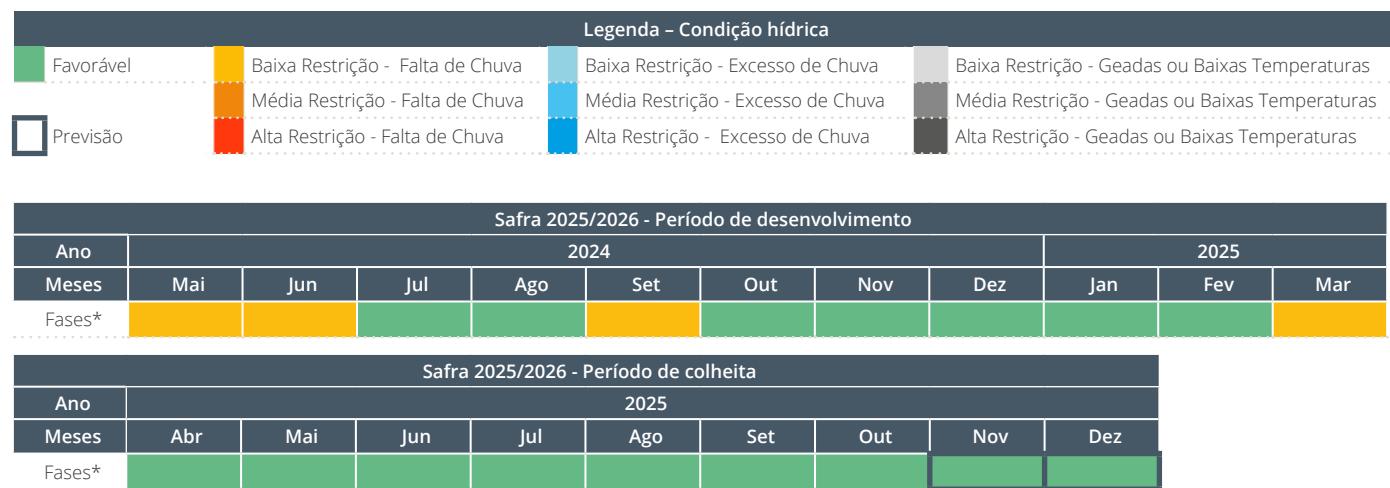
A partir da segunda metade de março, as chuvas voltaram a ocorrer com regularidade, mantendo-se com bons volumes até o fim de abril. Esse quadro de boa umidade no solo beneficiou especialmente as lavouras de maturação tardia, contribuindo para mitigar parte das perdas potenciais de produtividade.

Neste levantamento, foi registrado um incremento da área cultivada em relação ao ciclo anterior, com crescimento mais expressivo nas áreas próprias, enquanto os cultivos por fornecedores também apresentaram elevação, ainda que em menor ritmo.

A produtividade estimada foi novamente ajustada para baixo neste terceira levantamento, evidenciando queda em relação à safra passada. O principal fator relacionado a essa redução permanece sendo o comportamento climático ao longo do ciclo.

A expectativa quanto ao ATR é que permaneça inferior à safra passada. Já as estimativas de produção apontam para retrações tanto na produção de etanol quanto na de açúcar, reflexo da menor oferta de matéria-prima e da menor concentração de açúcares na cana processada.

QUADRO 2 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA EM MINAS GERAIS



Fonte: Conab.

Goiás

Neste terceiro levantamento da safra 2025/26 em Goiás, a área colhida apresentou leve crescimento em comparação ao ciclo anterior. Mesmo com a pressão exercida pelas lavouras de grãos, como soja e milho, há expansão sobre algumas áreas de pastagens degradadas. Ainda assim, esse crescimento tem sido mais lento ao longo dos últimos anos. A maior parte das áreas cultivadas segue sob áreas próprias, enquanto uma parcela menor permanece com fornecedores.

A produtividade estimada neste levantamento se mostra levemente inferior ao observado na safra passada, mesmo diante de uma distribuição pluviométrica favorável durante o período chuvoso. A principal limitação identificada para o avanço da produtividade foi a baixa taxa de renovação de áreas, o que tem levado ao envelhecimento dos canaviais em diversas unidades. Esse fator, por si só, compromete o desempenho médio por hectare, apesar dos avanços no manejo.

Diante do aumento moderado da área e da manutenção de um rendimento próximo ao do ciclo anterior, a produção total de cana deverá apresentar ligeira elevação.

Com relação ao ATR, espera-se um leve recuo em comparação à safra passada, mesmo com o esforço de colheita voltado à maturação ideal. As condições climáticas e o manejo direcionado nem sempre foram suficientes para manter os níveis anteriores de concentração de açúcares.

A distribuição do ATR deve se inclinar mais para a produção de açúcar nesta temporada, com as unidades industriais sinalizando maior interesse nesse direcionamento. Essa estratégia reflete os preços mais atrativos do açúcar no mercado, motivando o aumento da proporção destinada a esse subproduto em detrimento do etanol.

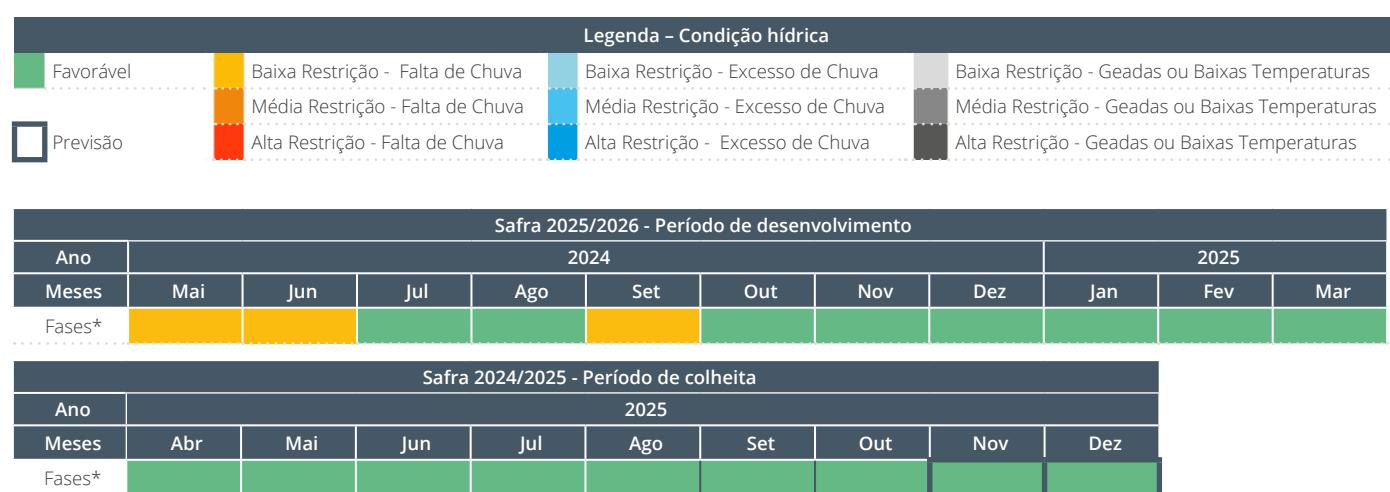
Ainda que a produção de açúcar deva apresentar leve retração em relação ao ciclo anterior, novas unidades entraram na rota produtiva do adoçante. A intenção das indústrias tem sido direcionar volumes mais significativos de matéria-prima para o açúcar, embora os resultados ainda dependam do desempenho de mercado ao longo da temporada.

No que diz respeito ao etanol, a produção total deverá apresentar retração, em especial no segmento hidratado, compensada parcialmente por uma leve elevação no anidro.

A escolha por destinar maior volume de cana ao açúcar explica essa mudança no perfil industrial, ainda que a produção total de etanol continue em patamares elevados, principalmente pelo incremento da produção oriunda do milho.

Atualmente, algumas unidades em Goiás operam simultaneamente com cana-de-açúcar e milho. O processamento de milho deverá permanecer relativamente estável, com ligeira redução em relação ao ciclo anterior. Mesmo assim, a produção de etanol proveniente desse grão permanece significativa, reforçando a estratégia de diversificação da matriz de oferta e garantindo estabilidade no volume total de biocombustível ofertado no estado.

QUADRO 3 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA EM GOIÁS



Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul

O comportamento climático durante o período foi marcado por chuvas esparsas no Centro-Sul, com volumes que, de modo geral, permaneceram abaixo do esperado entre julho e agosto, afetando a qualidade da matéria-prima. Além disso, os episódios de geadas ocorridos ao longo de julho causaram queimaduras nas folhas e danos em áreas mais jovens, sendo necessário o replantio em alguns talhões.

Diante desse cenário, e em virtude do atraso na colheita provocado pela escassez de matéria-prima, parte das unidades deverá estender suas operações até meados de dezembro. Até o momento, uma parcela significativa da área total já foi colhida, sem previsão de bisar canaviais, a menos que os volumes de chuva nos próximos meses superem a média e dificultem o avanço da colheita.

Em contrapartida, a região norte apresentou comportamento atípico para o período avaliado, com registros de chuvas em julho e agosto, que favoreceram a brotação da cana recém-colhida e auxiliaram na redução dos focos de incêndios. No entanto, esse padrão se tornou mais irregular a partir de setembro e no início de outubro, gerando instabilidade no desenvolvimento das lavouras.

Do ponto de vista fitossanitário, houve ocorrências pontuais de broca e cigarrinha, que foram manejadas de forma eficiente graças ao monitoramento contínuo. A incidência de murcha-da-cana reduziu-se em relação à safra anterior. Por outro lado, aumentaram os registros de *Sphenophorus levis* em áreas centrais, sendo adotadas medidas específicas nas soqueiras. Com relação às doenças, a aplicação preventiva contra estria-vermelha vem sendo mantida, com baixa incidência da bactéria até o momento.

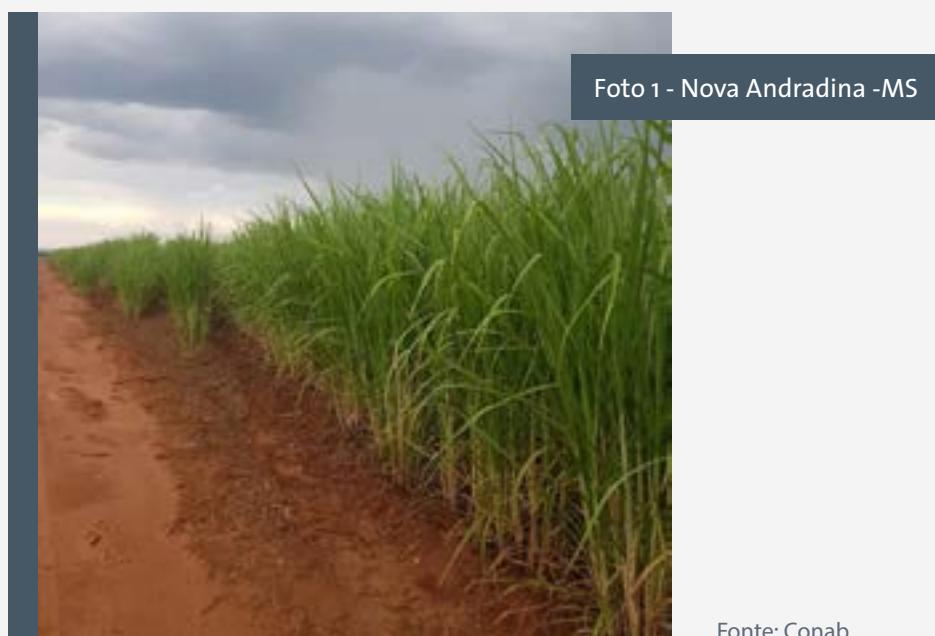
A perspectiva de produção para a atual temporada é positiva, com expectativa de resultados superiores aos do ciclo anterior.

Apesar de uma recente queda nas cotações do açúcar em setembro, boa parte do volume produzido já estava contratada. Ainda que o primeiro semestre tenha sido marcado por chuvas que reduziram o ATR, as unidades seguem

com o mix inicialmente planejado, compensando o desempenho mais fraco observado nos primeiros meses.

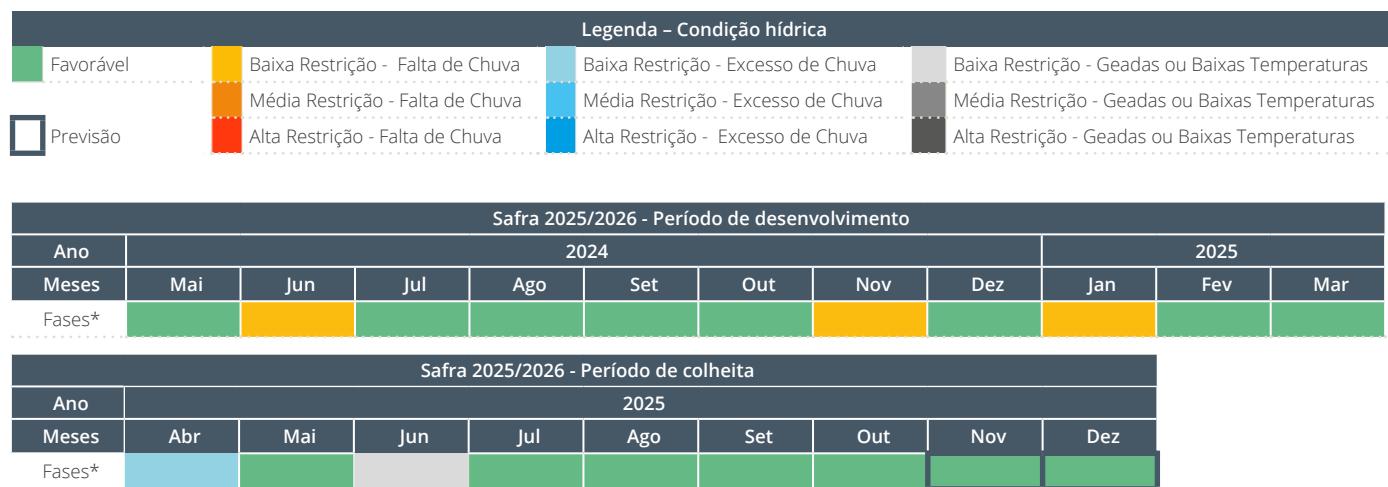
As recentes oscilações de mercado foram parcialmente amortecidas por contratos previamente firmados e mecanismos de proteção, o que permitiu a continuidade dos investimentos programados. O etanol, mesmo com preços considerados modestos, manteve margem positiva. Por estarem no terço final da safra, eventuais variações de preço já não devem impactar significativamente a operação em curso, mas algumas unidades já sinalizam possível revisão no mix para a próxima safra, considerando os riscos de comercialização.

Por fim, diante da conjuntura atual e do bom desempenho dos cultivos de segunda safra, algumas indústrias sucroenergéticas planejam diversificar suas atividades com a implantação de novas unidades voltadas à produção de etanol proveniente do milho.



Fonte: Conab.

QUADRO 4 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA EM MATO GROSSO DO SUL



Fonte: Conab.

Paraná

Ao longo do presente ciclo, a precipitação total registrada foi inferior àquela observada no mesmo período do ano anterior, com exceção de abril e junho, que apresentaram volumes pluviométricos mais elevados. No último junho, ocorreram eventos de geada em diversas lavouras de cana-de-açúcar, ocasionando danos a alguns canaviais.

No presente levantamento, estima-se que haverá, no ciclo 2025 em relação à safra passada, um incremento na área de cultivo de cana-de-açúcar. Esse aumento está relacionado à tendência de produtores optarem pelo arrendamento de suas áreas às indústrias sucroenergéticas, diante dos riscos climáticos inerentes às culturas anuais e da menor rentabilidade observada no cultivo de grãos no ciclo anterior.

Ainda conforme o presente levantamento, projeta-se para o ciclo 2025/26 uma elevação na produtividade média das lavouras. Essa

expectativa decorre das condições climáticas até então mais favoráveis, especialmente pela melhoria no regime de precipitações, que superam os volumes observados no ciclo passado, contribuindo para o adequado desenvolvimento vegetativo da cultura.

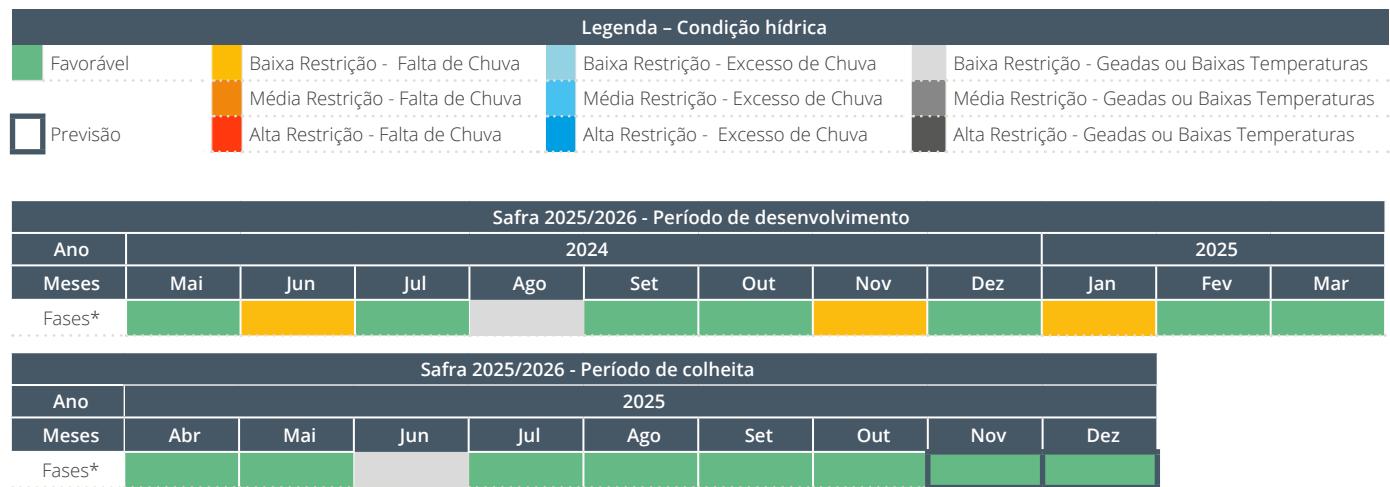
Como reflexo do aumento tanto da área cultivada quanto da produtividade esperada, estima-se, para a safra 2025/26, um crescimento no volume total de cana-de-açúcar a ser colhido, em comparação com a safra anterior. Esse cenário reforça a perspectiva de recuperação da produção no estado.

No entanto, para o ciclo 2025/26, em comparação ao ciclo anterior, projeta-se uma leve retração no ATR médio (Kg/t). As instabilidades climáticas observadas impediram que os canaviais atingissem o ponto ideal de maturação, comprometendo parcialmente a qualidade da matéria-prima. Embora tenha havido avanço no rendimento por hectare, o ATR foi impactado negativamente pela distribuição irregular das chuvas, além das ocorrências de geadas e temperaturas amenas durante a fase de colheita.

No momento, há a expectativa de que, no presente ciclo, a proporção da produção destinada ao açúcar supere a observada para o etanol. Essa tendência reflete o cenário de maior atratividade econômica do açúcar, que oferece melhor margem para as unidades industriais no contexto atual de preços e demanda.

A produção de etanol oriunda do milho em 2025 tem volume inferior ao registrado na safra anterior. A redução está associada ao redirecionamento da planta industrial para priorizar a moagem da cana-de-açúcar, em resposta à estratégia de processamento mais alinhada ao perfil da matéria-prima disponível.

QUADRO 5 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA NO PARANÁ



Fonte: Conab.

Mato Grosso

A colheita da cana-de-açúcar está finalizando, com algumas usinas menores já terminando os trabalhos de campo em outubro. Contudo, a previsão de término geral fica para novembro, podendo chegar a dezembro naquelas usinas maiores. Nos meses anteriores, o volume de chuvas foi maior na atual temporada, limitando os avanços das máquinas, mas nada que comprometesse o cronograma do ciclo 2025/26.

A área dedicada à cultura continua a receber pequenos incrementos advindos principalmente do aumento de parcerias e arrendamento. Devido às dificuldades econômicas enfrentadas pelos produtores rurais nas atividades tradicionais de pecuária e cultivo de grãos, sobretudo em relação ao custo de produção, muitos produtores têm buscado novas opções de investimento. E uma dessas alternativas é a ampliação da área plantada de cana-de-açúcar.

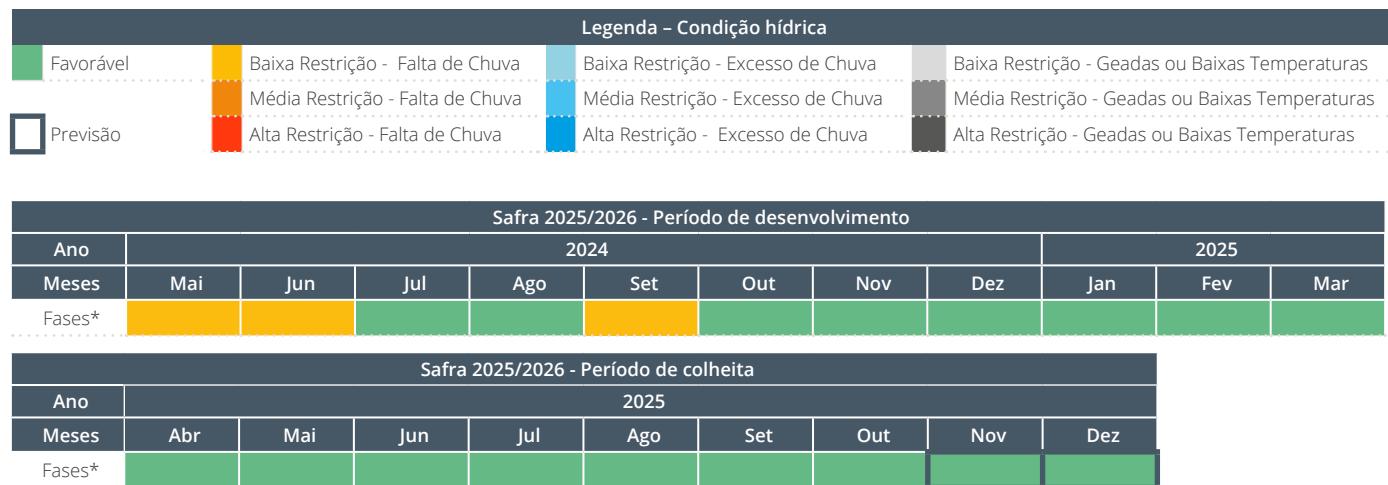
Os investimentos na indústria estão mais avançados na área de etanol de milho, com a construção de novas plantas industriais. Contudo, as tradicionais usinas de cana-de-açúcar não apresentam a mesma tendência, tendo investimentos mais modestos, com foco na reposição e renovação do parque industrial já existente.

Apesar dos problemas relacionados ao clima, na safra 2024/25, na qual muitos canaviais em desenvolvimento sofreram com a escassez pluviométrica e incêndios, a produção na atual safra 2025/26 indica incremento na produção de bagaço. Isso se deve aos sucessivos aumentos de áreas a cada safra, somados ao clima propício, o mais chuvoso dos últimos anos, bem como aos tratos culturais adequados.

O planejamento em relação ao mix de produção permanece predominantemente alcooleiro. Todavia, observa-se a tendência de alta na produção de açúcar em relação à safra anterior.

Quanto ao etanol de milho, o setor continua firme na ampliação e construção de novas usinas, havendo investimentos em novas plantas industriais do biocombustível, cuja operação deve começar em alguns anos. Com a safra recorde de milho em Mato Grosso, a maior oferta do grão gerou oportunidades para as usinas em adquirirem maior volume do grão, com estimativa de aumento de demanda interna de milho pelo segmento sucroenergético.

QUADRO 6 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA EM MATO GROSSO



Fonte: Conab.

Alagoas

Ao se observar a evolução da safra de cana-de-açúcar 2025/26 em Alagoas, nota-se que as condições climáticas se mostraram bastante favoráveis até o momento. As chuvas registradas em diferentes regiões produtoras, intercaladas com períodos de sol, têm beneficiado diretamente o desenvolvimento da cultura, favorecendo o rejuvenescimento de parte das lavouras. Essa conjuntura não apenas tem contribuído para o bom desenvolvimento da cana, como também não tem trazido prejuízos à colheita, que segue dentro do cronograma estabelecido.

No campo, observa-se que o momento atual da cultura envolve atividades de plantio em áreas destinadas à renovação dos canaviais, bem como a realização de aplicações aéreas de defensivos agrícolas. Essas ações têm se concentrado no controle fitossanitário, além disso bioestimulantes foliares e micronutrientes vêm sendo incorporados ao manejo das lavouras, enquanto

as operações de controle de plantas daninhas e adubação de cobertura foram realizadas logo nas primeiras chuvas, aproveitando de maneira eficiente a disponibilidade de umidade e nutrientes no solo.

A colheita teve início na primeira quinzena de setembro de 2025, com previsão de encerramento para a primeira quinzena de março de 2026. Até o momento, a produção total moída encontra-se estimada em volume superior ao registrado na safra passada, consolidando a expectativa de desempenho para o ciclo atual no estado.

No que se refere à produção de etanol oriundo de grãos, destaca-se a moagem de sorgo granífero, que reforça o papel da diversificação de matérias-primas no setor sucroenergético regional, ainda que de maneira complementar ao processamento de cana.

QUADRO 7 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA EM ALAGOAS



Fonte: Conab.

Pernambuco

A terceira estimativa da produção de cana-de-açúcar no estado indica um volume bastante próximo ao ciclo anterior, com leve incremento decorrente de melhora nas condições das lavouras ao longo do período de cultivo.

O direcionamento industrial desta safra revela maior alocação de matéria-prima para a fabricação de etanol anidro, sem prejuízo à produção de açúcar, que também apresentou aumento. Esse comportamento reflete a conjuntura de maior oferta global do adoçante e demanda consistente por biocombustíveis no mercado interno.

A produção sucroenergética está concentrada em unidades industriais localizadas predominantemente em regiões de tradição canavieira. Os canaviais ocupam quase toda a área agricultável nessas localidades, com colheita iniciada em meados do inverno e prolongada até o final do verão. A presente avaliação ocorreu com parte expressiva da safra já colhida.

A análise climática foi respaldada por dados de instituições meteorológicas e por índices espectrais de vegetação. As condições atmosféricas predominantes favoreceram os volumes de precipitação, sobretudo nas regiões litorâneas, superando em muitas áreas as médias históricas. Isso garantiu boa oferta hídrica e favoreceu o desenvolvimento da cultura.

No trimestre mais recente, as chuvas ocorreram dentro da normalidade, com tendência de excesso hídrico nos primeiros meses e estabilidade posterior, o que proporcionou condições favoráveis à cultura, sem comprometer o avanço da colheita.

Diante desse panorama, a expectativa é que o desempenho da safra atual supere discretamente o da anterior. As unidades industriais mantêm os

contratos firmados e seguem com o planejamento operacional previsto, mas já consideram possíveis ajustes no mix de produção para os próximos ciclos em razão das recentes variações nas cotações dos principais produtos.

QUADRO 8 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA EM PERNAMBUCO



Fonte: Conab.



Foto 2 - Cana-Gameleira PE

Fonte: Conab.

Paraíba

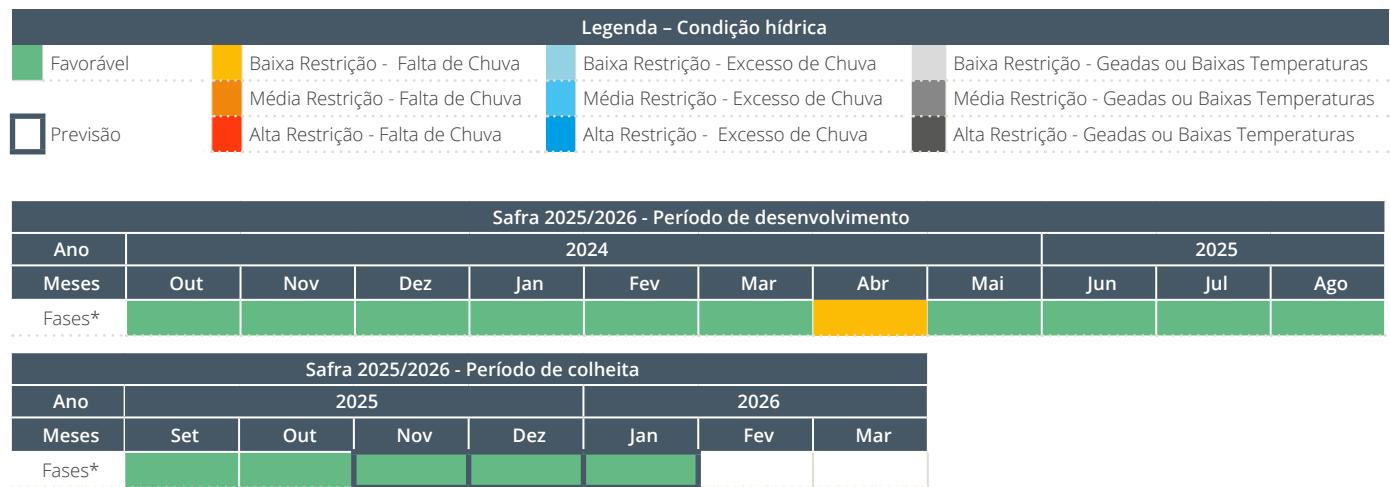
A área cultivada para o ciclo atual apresentou uma leve retração em relação à safra anterior. A produtividade média também foi reduzida, impactando o volume total produzido, que ficou ligeiramente abaixo do registrado anteriormente. Essa redução percentual reflete tanto as adversidades climáticas como os efeitos do veranico ocorrido em abril, que afetou o desenvolvimento das lavouras.

O sistema de colheita predominante no estado continua sendo o manual, embora o número de usinas com algum grau de mecanização esteja em crescimento. A colheita teve início no final de julho, de forma escalonada entre as unidades produtoras, com pico previsto entre o final da primavera e o início do verão. O encerramento das operações está estimado para o final do primeiro semestre do ano seguinte.

Para este ciclo, há expectativa de incremento na fabricação de açúcar em virtude da ampliação de capacidade industrial em uma das unidades locais, cuja operação deve iniciar ainda no último trimestre de 2025.

Esse avanço industrial sinaliza uma tendência de diversificação do mix e busca por maior agregação de valor ao produto final. Com isso, espera-se um desempenho mais equilibrado do setor, mesmo diante dos desafios climáticos e estruturais enfrentados na região.

QUADRO 9 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA NA PARAÍBA



Fonte: Conab.

Bahia

Para o terceiro levantamento 2025/26, projeta-se expansão na produção e na área colhida de cana-de-açúcar no estado, impulsionada pelo regime hídrico favorável entre o final de 2024 e o primeiro semestre de 2025. Entretanto, a estiagem registrada a partir de meados do ano reduziu as estimativas iniciais de produtividade. Apesar disso, o bom volume de chuvas anterior permitiu o avanço das operações de plantio.

A dinâmica industrial indica aumento na produção de açúcar e etanol anidro, enquanto a fabricação de etanol hidratado deve ser reduzida. Essa tendência está associada à maior disponibilidade de matéria-prima, ao retorno operacional de unidades industriais anteriormente paralisadas e à alteração no perfil de algumas usinas, agora voltadas também para o açúcar. Fatores como a redução do teor de ATR, a elevação da mistura de álcool na gasolina e as oscilações de mercado também influenciaram a composição do mix.

O processamento industrial teve início no final de março e deve se estender até o final de dezembro, totalizando uma operação contínua ao longo de vários meses. O pico de moagem foi observado no auge do inverno, com avanço sobre a área total cultivada no estado. Apesar da redução no ATR médio estimado, esse resultado foi atribuído a fatores fisiológicos, sendo parcialmente compensado pelo aumento no volume de colmos colhidos.

O parque sucroenergético estadual conta com algumas usinas em operação, distribuídas entre diferentes regiões produtoras, com atuação nas três frentes industriais: açúcar, etanol anidro e etanol hidratado. A distribuição geográfica e o perfil das usinas sugerem que, apesar de restrita em número, a cadeia produtiva apresenta diversificação industrial e vem passando por modernizações importantes.

Entre as principais estratégias de manejo e inovação adotadas, destacam-se: o uso racional de fertilizantes e corretivos com base em mapeamento de solo; aplicação de bioestimulantes e reguladores de crescimento; adoção de fertirrigação com subprodutos industriais; uso de mudas pré-brotadas; técnicas de estresse hídrico controlado; expansão e modernização das unidades industriais; aumento da colheita e plantio mecanizados; práticas sustentáveis como cogeração de energia, compostagem, comercialização de palha e créditos de carbono; além de pesquisas com novos materiais genéticos e expansão agrícola sobre áreas anteriormente ocupadas por outras culturas.

QUADRO 10 – HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA NA BAHIA

Legenda – Condição hídrica									
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
 Previsão	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
Safra 2025/2026 - Período de desenvolvimento									
Ano	2024								2025
Meses	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Fases*									Fev
Safra 2025/2026 - Período de colheita									
Ano	2025								
Meses	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Fases*									

Fonte: Conab.



Foto 3 - Rebrote -Lajedão/BA

Fonte: Conab.

Maranhão

O início do período chuvoso no último trimestre do ano anterior contribuiu para o desenvolvimento inicial das lavouras. Durante os meses finais de 2024, observou-se uma recuperação dos níveis de umidade do solo, com

volumes de precipitação que favoreceram tanto o plantio quanto a rebrota. Já no primeiro trimestre de 2025, as chuvas continuaram frequentes e distribuídas, elevando a umidade nas regiões produtoras. No entanto, ao longo do segundo trimestre, houve redução progressiva dos acumulados, especialmente a partir de maio. Essa queda acentuada da umidade, mantida durante o terceiro trimestre, impactou negativamente o armazenamento hídrico no solo, sendo parcialmente compensada por precipitações pontuais observadas em agosto. Em outubro, o retorno das chuvas em áreas centrais e meridionais foi associado à transição para um novo padrão climático, influenciado por fenômenos atmosféricos.

Nas regiões mais produtoras, a limitação hídrica nos meses finais do ciclo vegetativo, combinada com temperaturas elevadas, resultaram em perdas produtivas. O levantamento mais recente aponta uma leve ampliação da área destinada à colheita, impulsionada pela expansão dos canaviais em algumas usinas. Apesar disso, o rendimento das lavouras apresentou retração, consequência direta das condições climáticas adversas. A escassez hídrica de abril a junho comprometeu o desenvolvimento vegetativo e fisiológico das plantas, impactando o potencial produtivo e levando à perda parcial de algumas áreas, especialmente naquelas sem sistemas de irrigação adequados.

A produção total do ciclo atual apresentou aumento em relação ao ciclo anterior, atribuída principalmente à maior área cultivada. Em adição às adversidades climáticas, houve registro de incêndios em áreas produtoras, o que resultou na antecipação e queima de parte da biomassa, afetando o planejamento de colheita. As usinas com capacidade de irrigação adotaram diferentes estratégias, como pivôs centrais e aspersão móvel, para mitigar os efeitos da seca. Parte da área cultivada passou a contar com sistemas

de irrigação suplementar, sendo projetado um aumento dessa cobertura já para o próximo ciclo.

As operações de colheita tiveram início ainda no primeiro semestre, com concentração das atividades durante os meses mais secos, período considerado ideal para colheita e maturação. A ausência de chuvas nesse intervalo facilita tanto a colheita manual quanto a mecanizada, além de favorecer a concentração de açúcares nos colmos. O encerramento da safra está previsto para ocorrer até o final do segundo semestre.

A produção de açúcar nesta safra apresentou retração, influenciada pela menor oferta de colmos e pela priorização do etanol como produto principal. A decisão estratégica das unidades foi condicionada à conjuntura de preços do mercado internacional, que se manteve em patamar pouco atrativo. As cotações desfavoráveis pressionaram as margens e redirecionaram a moagem para fins energéticos.

Em relação à produção de etanol, observa-se predomínio da destinação para o anidro, favorecido pela valorização do produto no mercado e pelo aumento recente na proporção de mistura com a gasolina. O etanol hidratado, por outro lado, teve sua produção reduzida em resposta à menor rentabilidade. A reorganização do mix ocorreu simultaneamente à entrada em operação de nova unidade produtora de etanol a partir de grãos, fortalecendo a oferta local e diversificando a base produtiva do estado.

Sergipe

A análise dos dados pluviométricos referentes ao terceiro trimestre do ciclo atual indica um aumento nos volumes de chuvas em comparação ao mesmo

período do ano anterior. Esse incremento tem potencial para favorecer o desenvolvimento vegetativo das lavouras, ao reduzir os efeitos do estresse hídrico e criar condições mais adequadas para o acúmulo de biomassa nas plantas.

Há manutenção das estimativas divulgadas no levantamento anterior. Essa decisão está relacionada ao estágio inicial da colheita, ainda concentrada em áreas pontuais e sem volume representativo que permita revisar com segurança os dados de produção ou produtividade.

No ciclo anterior, registraram-se dificuldades relacionadas à escassez hídrica em algumas áreas canavieiras, o que comprometeu parte do desenvolvimento cultural da lavoura. No entanto, observou-se uma recuperação gradual do regime de chuvas nas últimas semanas, o que tem contribuído para a retomada do vigor dos canaviais em determinadas regiões. As condições climáticas atuais sinalizam um cenário mais promissor para os próximos meses, especialmente se mantido o padrão de regularidade das precipitações.

Apesar da melhora observada no campo, persiste um quadro de limitações no âmbito financeiro. As usinas locais enfrentam restrições orçamentárias, que impactam diretamente na execução dos tratos culturais e na aquisição de insumos estratégicos. Essa limitação de investimentos pode comprometer o potencial de resposta das lavouras, mesmo diante de um ambiente climático mais favorável, reduzindo as chances de uma recuperação plena da produtividade.

Piauí

Ao longo de 2025, até o momento de elaboração do terceiro levantamento da safra 2025/26, o volume acumulado de precipitações no estado tem se mantido abaixo do observado no mesmo período do ciclo anterior. Apesar dessa redução, a distribuição das chuvas nesta safra apresentou-se mais regular, com registros até mesmo em julho, o que favoreceu a condução das lavouras. Essa regularidade permitiu o manejo sem prejuízos por excesso de umidade e beneficiou o desenvolvimento da cultura em meses que, historicamente, são marcados por estiagem. Em geral, o período entre dezembro e março concentra as maiores precipitações, dispensando a necessidade de irrigação.

A atual safra apresenta uma ampliação da área em comparação com a anterior, reflexo principalmente da renovação de talhões próprios. No entanto, mesmo com uma boa regularidade pluviométrica ao longo do ciclo, fatores estruturais influenciaram negativamente o rendimento agrícola. Entre eles, destaca-se a elevada proporção de talhões em cortes avançados, especialmente a partir do quarto corte, que representam parcela significativa da área total cultivada, impactando diretamente na produtividade final.

As operações industriais tiveram início por volta da segunda quinzena de junho, com previsão de término para meados de novembro de 2025. A colheita seguiu o mesmo cronograma, avançando gradualmente até atingir a maior parte da área até outubro. Com o encerramento previsto para novembro, as atividades se mantêm dentro da normalidade. No que se refere à qualidade industrial, há expectativa de leve incremento nos parâmetros relacionados à concentração de açúcares na matéria-prima, quando comparado ao ciclo anterior. O direcionamento da produção tem priorizado a fabricação de açúcar, motivado por condições mais favoráveis do mercado externo.

A estimativa atual indica uma produção inferior à registrada na safra passada. No entanto, observa-se uma alteração significativa na composição do mix de produtos. A fabricação de etanol anidro apresenta expansão, impulsionada por ganhos mercadológicos, enquanto a de etanol hidratado deve sofrer retração. Essa mudança está diretamente relacionada à estratégia comercial adotada pela unidade industrial, que tem priorizado os produtos com maior rentabilidade frente às cotações vigentes.

Espírito Santo

As condições pluviométricas registradas, para a safra 2025/26, foram satisfatórias durante a fase vegetativa das lavouras nas principais regiões produtoras do estado. Em contraste com o ciclo anterior, o encerramento de 2024 apresentou clima mais favorável, com maior regularidade de chuvas e temperaturas mais amenas.

Esses fatores contribuíram para o bom desenvolvimento dos canaviais, elevando o potencial produtivo. Ainda que o volume total de chuvas tenha permanecido ligeiramente abaixo da média histórica, sua distribuição foi suficiente para favorecer as lavouras. Em alguns momentos, as precipitações foram mais intensas que o previsto, sobretudo em abril e maio, ocasionando atrasos na colheita e dificuldade de acesso a algumas áreas encharcadas.

Atualmente, apenas parte das unidades industriais do estado permanece em operação. Observa-se uma expansão da área colhida em comparação com o ciclo anterior, impulsionada não apenas pelo incremento local, mas também pelo processamento de matéria-prima proveniente de estados

vizinhos. Essa ampliação reflete a reorganização operacional das unidades ativas, que têm buscado aproveitar ao máximo a capacidade instalada.

Com o avanço da colheita, os efeitos positivos do clima durante a fase de desenvolvimento das plantas ficaram evidentes. Houve melhora no rendimento das lavouras, impulsionada também por investimentos em tecnologia agrícola e mecanização. A introdução de mudas com melhor desempenho, aprimoramentos nas práticas de manejo, como capinas e adubações mais precisas, e o uso de colhedoras mais modernas contribuíram para elevar a produtividade média. Técnicas de limpeza mais eficientes nas áreas cultivadas também favoreceram o resultado final desta safra.

Quanto ao ATR, observou-se o comportamento usual de redução dos valores médios ao longo da safra. O início da colheita, realizado em períodos mais úmidos, tende a resultar em cana com maior teor de umidade, o que dilui os açúcares no colmo.

Embora algumas áreas tenham registrado perdas associadas a fatores agronômicos e operacionais, como elevados teores de impurezas, dificuldades de acesso em áreas encharcadas e falhas logísticas, outras apresentaram desempenho acima do esperado. Tal desempenho positivo foi atribuído à adoção de tratos culturais mais adequados, à colheita em condições mais favoráveis e ao manejo técnico eficaz. O avanço parcial da colheita nessas áreas apontava, no momento do levantamento, para resultados promissores, com tendência de ampliação dos bons indicadores até o final do ciclo.

O cronograma de encerramento das atividades de moagem varia entre as unidades, com algumas prevendo o término já no último trimestre de 2025, enquanto outras mantêm a possibilidade de estender a colheita até o início do ano seguinte, reduzindo ou eliminando a entressafra. Apesar da leve

redução nos valores médios de ATR, houve revisão positiva da produção de açúcar, que deverá superar as estimativas anteriores e alcançar desempenho superior ao do ciclo anterior. Em contrapartida, a produção de etanol tende à retração, reflexo de uma estratégia deliberada de mudança no mix de produtos.

Essa decisão está relacionada à diferença de eficiência na conversão do ATR entre os dois produtos, bem como às condições de mercado observadas ao longo da safra. Reforçam a volatilidade dos resultados finais, que estão diretamente ligados às variações do ATR e às decisões industriais sobre o mix, que por sua vez respondem às dinâmicas da oferta e demanda global.

Apesar dos desafios, as unidades em operação têm mantido ritmo de crescimento. Algumas implementaram inovações tecnológicas em suas caldeiras, ampliando a geração de energia a partir da biomassa; outras passaram a captar e comercializar subprodutos industriais, diversificando suas fontes de receita. Iniciativas de introdução de novas variedades de cana, bem como projetos-piloto de irrigação, também estão em andamento, ainda que de forma incipiente devido ao alto custo de implantação.

Além da produção local, as unidades industriais têm recebido matéria-prima oriunda de outros estados, o que reforça a relevância regional do parque sucroenergético capixaba. A interação entre fornecedores de diferentes origens amplia o volume de cana disponível para moagem e favorece a otimização da capacidade instalada.

Diante do cenário apresentado, a safra 2025/26 no Espírito Santo se desenha como promissora. O desempenho favorável de parte expressiva das unidades visitadas indica tendência de aumento na produção de cana-de-açúcar em relação à safra anterior. Os bons resultados estão sendo impulsionados

por condições climáticas adequadas, evolução tecnológica e estratégias de mercado voltadas ao aproveitamento do potencial de produção de açúcar, cuja demanda segue aquecida.

Rio de Janeiro

Para o ciclo 2025/26, a área plantada com cana-de-açúcar apresenta retração em relação à safra anterior. Essa redução decorre, principalmente, da perda de fornecedores por parte de algumas usinas. Por outro lado, houve expansão em unidades produtivas da região, tendência que pode ser mantida nos próximos anos devido ao aumento das áreas cultivadas sobre pastagens anteriormente ocupadas.

O cultivo ainda é majoritariamente realizado por fornecedores, que representam parcela expressiva da área total plantada no estado. Apenas uma pequena fração da área é das usinas.

Inicialmente, a estiagem comprometeu o desenvolvimento das lavouras. Em seguida, chuvas durante o período de colheita também afetaram a produtividade. Apesar desse contexto climático adverso, algumas áreas conseguiram apresentar ganhos produtivos em relação ao ciclo anterior, o que contribuiu para suavizar os impactos negativos no resultado estadual.

Mesmo diante das limitações meteorológicas, algumas lavouras demonstraram melhor desempenho, o que resultou em discreto aumento na produtividade média estadual. A elevação está associada principalmente ao desempenho de algumas áreas que conseguiram manter bom vigor vegetativo.

A produção total estimada de cana moída aponta leve crescimento em relação à safra anterior. Esse resultado está diretamente relacionado à ligeira elevação da produtividade, ainda que a colheita tenha sido marcada por atrasos, com avanço das operações sobre o período chuvoso, fator que pode comprometer parte do rendimento final.

O ATR médio estimado para o estado apresenta recuo expressivo em comparação ao ciclo anterior. A principal justificativa está nas precipitações ocorridas durante as fases de colheita e moagem, as quais impactam negativamente na concentração de sacarose. Além disso, o prolongamento da colheita até o final de dezembro, em um cenário de pouca mão de obra e escassez de transporte, pode acentuar essa tendência.

Mesmo com produtividade e produção total ligeiramente superiores, os derivados da cana moída registraram queda em seus volumes, explicada pela menor concentração de ATR. O etanol continua sendo o principal produto gerado nas usinas do estado, enquanto a produção de açúcar deve apresentar forte retração, influenciada pela priorização da produção de etanol, motivada por preços mais atrativos no mercado. A redução nos teores de ATR também contribuiu para a diminuição da oferta de subprodutos como o açúcar e o melaço.

Pará

A produção de cana-de-açúcar no estado apresenta um modelo integrado, abrangendo desde o cultivo até o processamento industrial. A colheita é totalmente mecanizada, com uso de maquinário moderno, o que assegura elevada eficiência operacional. Esse nível de mecanização contribui para

uma condução da safra mais ágil e consistente, sobretudo no período que se estende entre o início do segundo trimestre e o final da primavera. A capacidade de moagem da unidade industrial permite a produção simultânea de açúcar e etanol, com funcionamento concentrado em pouco mais de metade do ano.

A definição do mix de produção, entre etanol e açúcar, segue a lógica de mercado, variando conforme as condições comerciais. A comercialização se dá majoritariamente no próprio estado, com parte menor sendo direcionada a mercados de estados vizinhos. Essa estratégia garante abastecimento local e regional, fortalecendo a presença do setor sucroenergético no Norte do país.

As condições climáticas observadas ao longo do ciclo 2025/26, foram bastante favoráveis ao desenvolvimento das lavouras. Os índices pluviométricos mantiveram-se próximos às médias históricas da região, possibilitando economia no uso de irrigação. Esse cenário climático contribuiu para ganhos de produtividade nas diversas fases de corte, com destaque para áreas recém-renovadas, que apresentaram incremento mais expressivo. Os resultados também foram superiores nos talhões de segundo corte e nas áreas mais antigas, mesmo com a idade avançada dos canaviais, o que evidencia a boa resposta do material vegetal diante das condições ambientais e do manejo empregado.

O desempenho geral da lavoura foi positivo, refletindo uma elevação no rendimento agrícola quando comparado ao ciclo anterior. Os volumes de chuvas registrados nos primeiros nove meses do ano, situados dentro do intervalo ideal para a cultura, favoreceram o alongamento e o engrossamento dos colmos durante a fase vegetativa. Esse comportamento contribuiu para

a elevação da produtividade média, demonstrando a influência direta do clima estável e da adoção de boas práticas agrícolas.

O mercado consumidor é composto majoritariamente por empresas e indústrias, em vez de consumidores finais. O açúcar cristal tem como principais compradores as indústrias alimentícias, refinarias, distribuidores e exportadores, com maior demanda nas Regiões Norte e Nordeste. Já o etanol é destinado a distribuidoras de combustíveis, postos e indústrias petroquímicas, sendo utilizado principalmente nos setores de energia e transporte. A estimativa da safra atual aponta para aumento em relação ao ciclo anterior, mesmo diante das limitações territoriais impostas pelas regras de uso e conservação da vegetação amazônica.

Tocantins

Na terceira avaliação da safra 2025/26, verificou-se uma ampliação da área cultivada com cana-de-açúcar, relacionada principalmente à diminuição das áreas destinadas à formação de mudas.

O estado geral das lavouras é considerado satisfatório, reflexo da adoção de um conjunto de estratégias agronômicas eficazes. Entre elas, destacam-se o manejo integrado com aplicação conjunta de defensivos biológicos e químicos, o uso de bactérias promotoras de crescimento e a alta eficiência dos sistemas de irrigação. Além disso, o cultivo de variedades geneticamente adaptadas à tolerância a pragas, como a broca gigante, tem contribuído para a resiliência dos canaviais.

A produtividade média até o momento apresenta recuo em comparação à safra anterior. Essa redução decorre principalmente de fatores climáticos,

com destaque para o aumento das temperaturas e a ausência de chuvas em fases fenológicas sensíveis, impactando especialmente os canaviais com ciclo mais longo.

Em relação à produção de etanol, a estimativa atual aponta para retração, com destaque para diminuição mais acentuada no volume destinado ao etanol anidro. Esse comportamento pode estar relacionado à dinâmica do mercado e ao desempenho agronômico observado até o momento da avaliação.

Amazonas

De acordo com as informações levantadas no terceiro levantamento da safra 2025/26, foi registrada uma retração na área cultivada com cana-de-açúcar no Amazonas. Essa redução está relacionada à ampliação das áreas destinadas ao cultivo de guaraná, que tem ganhado espaço na região.

As estimativas atuais apontam para um desempenho agronômico próximo ao registrado na safra anterior, sugerindo certa estabilidade nos indicadores de produtividade das lavouras.

Ainda que haja expectativa de estabilidade técnica, projeta-se uma redução no volume de cana colhida e, consequentemente, na geração de subprodutos como o bagaço. Essa retração é atribuída às condições climáticas desfavoráveis no momento do plantio, especialmente à escassez de chuvas, que comprometeu o pleno desenvolvimento inicial das plantas.

Em relação ao ATR, há previsão de recuo, com expectativa de menores índices na safra atual em comparação ao ciclo anterior. Essa tendência está associada à possibilidade de ocorrência de chuvas mais intensas ao final do ano, o

que tende a diluir os açúcares no colmo da planta. No entanto, os dados consolidados somente estarão disponíveis com o encerramento da colheita.

TABELA 1 - ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR

Região/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2024/25	Safra 2025/26	VAR. %	Safra 2024/25	Safra 2025/26	VAR. %	Safra 2024/25	Safra 2025/26	VAR. %
NORTE	49,6	53,0	6,9	81.481	75.505	(7,3)	4.040,0	4.000,6	(1,0)
AM	3,8	3,7	(4,9)	91.382	88.968	(2,6)	351,0	325,0	(7,4)
PA	16,7	17,8	6,3	78.511	83.807	6,7	1.312,0	1.489,3	13,5
TO	29,0	31,6	8,7	81.881	69.273	(15,4)	2.377,0	2.186,3	(8,0)
NORDESTE	897,5	908,2	1,2	60.570	60.630	0,1	54.362,0	55.061,3	1,3
MA	29,3	30,9	5,7	73.287	69.886	(4,6)	2.145,6	2.161,8	0,8
PI	20,2	20,6	2,0	55.382	50.332	(9,1)	1.120,0	1.038,6	(7,3)
RN	79,0	81,6	3,2	51.784	50.159	(3,1)	4.092,8	4.092,8	-
PB	127,3	126,0	(1,0)	58.803	57.545	(2,1)	7.486,6	7.249,8	(3,2)
PE	234,6	234,5	-	58.770	58.851	0,1	13.786,5	13.800,5	0,1
AL	295,1	293,1	(0,7)	60.268	62.204	3,2	17.783,3	18.232,0	2,5
SE	44,1	44,5	0,8	46.453	47.734	2,8	2.049,9	2.122,8	3,6
BA	67,9	76,9	13,3	86.895	82.712	(4,8)	5.897,5	6.362,9	7,9
CENTRO-OESTE	1.850,0	1.960,8	6,0	78.540	77.024	(1,9)	145.300,3	151.030,4	3,9
MT	205,9	217,1	5,4	84.719	83.950	(0,9)	17.443,1	18.222,5	4,5
MS	674,4	715,9	6,2	73.071	73.170	0,1	49.278,0	52.381,8	6,3
GO	969,7	1.027,9	6,0	81.031	78.247	(3,4)	78.579,2	80.426,1	2,4
SUDESTE	5.483,1	5.552,9	1,3	80.181	75.664	(5,6)	439.642,7	420.154,8	(4,4)
MG	986,7	1.036,5	5,0	82.858	76.845	(7,3)	81.756,3	79.646,3	(2,6)
ES	48,2	56,7	17,6	55.548	61.809	11,3	2.676,9	3.501,8	30,8
RJ	35,0	34,4	(1,7)	47.454	49.201	3,7	1.662,0	1.694,0	1,9
SP	4.413,2	4.425,4	0,3	80.112	75.770	(5,4)	353.547,4	335.312,8	(5,2)
SUL	486,1	499,7	2,8	69.148	72.433	4,8	33.614,0	36.198,2	7,7
PR	486,1	499,7	2,8	69.148	72.433	4,8	33.614,0	36.198,2	7,7
NORTE/NORDESTE	947,1	961,1	1,5	61.665	61.450	(0,3)	58.402,0	59.061,9	1,1
CENTRO-SUL	7.819,2	8.013,5	2,5	79.107	75.795	(4,2)	618.557,0	607.383,4	(1,8)
BRASIL	8.766,3	8.974,6	2,4	77.223	74.259	(3,8)	676.959,1	666.445,3	(1,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2025.



Produção de açúcar

As operações nas unidades sucroenergéticas do Centro-Sul e Norte do país estão se aproximando do fim, nesta safra 2025/26, justamente pelo expressivo avanço da colheita da cana-de-açúcar nessas regiões. De maneira geral, mesmo com a menor produção da matéria-prima em relação à temporada passada, o ATR nas indústrias têm mostrado maior direcionamento para a fabricação de açúcar do que de etanol, fazendo com que a previsão de volume total do adoçante seja superior a 2024/25, devendo alcançar 45 milhões de toneladas, mesmo em uma safra que deverá apresentar oferta inferior de cana-de-açúcar.

O mercado seguiu favorável à fabricação do adoçante até meados de julho, quando as cotações internacionais começaram a cair devido à grande oferta mundial, fazendo com que as usinas mudassem o mix para a produção de álcool. Mesmo assim, o mix favorável ao açúcar deve se manter até o final da safra.

Região Sudeste

Mais de 70% da produção nacional de açúcar tem sido representado pela Região Sudeste, tendo como principal destaque as regiões produtoras de São Paulo, chegando a produzir mais da metade do volume total obtido no país. A estimativa de produção paulista, neste levantamento, é de 26,7 milhões de toneladas do adoçante. Nessas áreas, o principal destino da cana-de-açúcar nesta safra será a produção de açúcar, em detrimento ao etanol, o que reflete consequentemente no destino da produção nacional. A situação climática também tem impactado nas estratégias de produção, como a ocorrência de baixas temperaturas, até mesmo com geadas intensas, observando-se no campo canaviais com danos significativos, como folhas queimadas, rachaduras nos colmos e até morte das gemas apicais como sintomas identificados.

A produção de Minas Gerais também merece destaque, como a segunda maior produção estadual do Brasil, com 5,6 milhões de toneladas esperadas para este ciclo. Em relação à produção e mix de produtos, mantém-se a intenção de maior destinação de cana-de-açúcar para a produção de açúcar, uma vez que a estimativa de produção de cana e ATR é menor nesta temporada. A expectativa é de redução na produção de etanol pelas destilarias instaladas e ligeiro incremento na produção de açúcar nesta safra.

Região Centro-Oeste

Há dois estados na região com destaque na produção de açúcar: as áreas produtoras em Goiás e em Mato Grosso do Sul. Para este ciclo, as estimativas

mais atuais indicam aumento na geração total do adoçante nas unidades de produção, que, somando-se esses dois estados, a expectativa é de uma produção de 5,3 milhões de toneladas de açúcar, que somada à produção estimada em Mato Grosso, alcance 5,9 milhões de toneladas, 5,7% a mais que em 2024/25.

Região Norte-Nordeste

O Nordeste é uma região histórica e tradicionalmente produtora de açúcar. Há registro de produção em quase todos os estados, mesmo com volumes inferiores em comparação a safras anteriores.

Nessa região, o calendário de moagem é distinto em comparação às outras regiões produtoras do país, mas já se pode destacar alguns estados na produção do adoçante, como Alagoas e Pernambuco, num total superior a 2,5 milhões de toneladas de açúcar quando somados.

Já para a Região Norte, as estimativas de produção de açúcar estão limitadas ao Amazonas e ao Pará.

TABELA 2 - PRODUTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE AÇÚCAR - SAFRAS 2024/25 E 2025/26

Região/UF	Produção de açúcar (em mil t)						
	Safra 2024/25 (a)	Safra 2025/26 Lev. Anterior (b)	Safra 2025/26 Lev. Atual (c)	Variação		Variação	
				Absoluta (c-a)	% (c/a)	Absoluta (c-b)	% (c/b)
NORTE	97,7	93,1	102,6	4,9	5,0	9,5	10,2
AM	21,0	16,4	19,9	(1,1)	(5,4)	3,5	21,1
PA	76,7	76,7	82,7	6,0	7,8	6,0	7,8
NORDESTE	3.694,7	3.728,9	3.577,8	(116,9)	(3,2)	(151,1)	(4,1)
MA	27,2	28,4	24,5	(2,7)	(9,9)	(3,8)	(13,5)
PI	88,2	111,1	111,1	22,9	26,0	-	-
RN	209,7	251,4	251,4	41,7	19,9	-	-
PB	308,0	320,6	320,6	12,6	4,1	-	-
PE	1.172,7	1.066,4	1.063,2	(109,5)	(9,3)	(3,1)	(0,3)
AL	1.635,8	1.600,0	1.539,5	(96,3)	(5,9)	(60,5)	(3,8)
SE	116,0	119,7	119,7	3,8	3,3	-	-
BA	137,1	231,4	147,7	10,5	7,7	(83,7)	(36,2)
CENTRO-OESTE	5.745,8	6.079,0	5.903,5	157,8	2,7	(175,5)	(2,9)
MT	578,4	615,4	605,7	27,3	4,7	(9,7)	(1,6)
MS	2.210,1	2.562,9	2.504,8	294,7	13,3	(58,1)	(2,3)
GO	2.957,3	2.900,7	2.793,0	(164,2)	(5,6)	(107,7)	(3,7)
SUDESTE	31.793,2	31.700,3	32.575,6	782,4	2,5	875,3	2,8
MG	5.550,1	6.026,6	5.653,5	103,4	1,9	(373,2)	(6,2)
ES	163,0	196,5	198,0	35,0	21,5	1,5	0,8
RJ	44,3	55,7	22,4	(21,9)	(49,4)	(33,3)	(59,8)
SP	26.035,9	25.421,5	26.701,7	665,9	2,6	1.280,3	5,0
SUL	2.786,4	2.860,4	2.859,0	72,5	2,6	(1,4)	-
PR	2.786,4	2.860,4	2.859,0	72,5	2,6	(1,4)	-
NORTE/NORDESTE	3.792,4	3.822,0	3.680,4	(112,0)	(3,0)	(141,7)	(3,7)
CENTRO-SUL	40.325,4	40.639,6	41.338,1	1.012,7	2,5	698,4	1,7
BRASIL	44.117,8	44.461,7	45.018,5	900,7	2,0	556,8	1,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2025.



Produção de etanol

Com a aproximação do final da sega da cana-de-açúcar nas Regiões Centro-Sul e Norte e o encerramento da colheita do milho segunda safra por todo país, houve grande avanço das operações nas unidades sucroenergéticas para a produção do etanol, principalmente nas regiões onde o calendário de operações industriais se dá entre abril e dezembro, que é o caso da maioria das regiões produtoras, com exceção do Nordeste, que tem calendário de operações previsto para ocorrer entre agosto de 2025 até março de 2026, na presente safra).

De maneira geral, o ciclo mantém as estimativas de diminuição na produção total de cana-de-açúcar em relação à temporada 2024/25, porém houve leve aumento na previsão estimada nesse levantamento em comparação com o número publicado em agosto de 2025, no segundo levantamento da safra para a cultura.

Com essa menor oferta da principal matéria-prima nas unidades sucroenergéticas, em comparação à safra anterior, e com a redução da competitividade de mercado do biocombustível frente ao açúcar, até meados de julho, a estimativa é que se reduza ainda mais o volume total de etanol obtido da cana-de-açúcar, estimado em 26,5 bilhões de litros, 9,5% inferior

a 2024/25. Percebe-se que tal diminuição tem se dado particularmente no etanol hidratado, visto que a forma anidra do biocombustível apresenta estimativa de incremento em relação ao volume total obtido na temporada passada.

Já o etanol derivado do milho continua no movimento de expansão na produção, com novas unidades industriais instalando-se no país, e a crescente produção do cereal. Mato Grosso, principal estado produtor, tanto do cereal quanto do biocombustível oriundo do grão, desde a última safra, estabeleceu-se como o segundo maior produtor de etanol total do país, somadas a produção do etanol de cana-de-açúcar e de milho, ficando atrás apenas de São Paulo, principal produtor de cana-de-açúcar. Para esta safra, é estimado uma produção de 9,6 bilhões de litros de etanol de milho, crescimento de 22,6% em relação à temporada passada. Essa produção é, em sua maioria, de etanol hidratado, com estimativa de 6,8 bilhões de litros. O etanol anidro também deve ter incremento na produção, chegando a 2,8 bilhões de litros.

Região Centro-Sul

Mais de 90% da produção nacional de etanol está concentrada na Região Centro-Sul, tendo como grande destaque, a quantidade produzida em São Paulo, estimada em 11,4 bilhões de litros neste ciclo. Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais também apresentam produção significativa do biocombustível nessa megaregião.

Região Norte-Nordeste

Com participação de quase 7% da produção nacional de etanol, as Regiões Norte e Nordeste vêm incrementando seu potencial produtivo da matéria-prima, nesse caso, a cana-de-açúcar, nos últimos anos, principalmente pelas condições climáticas mais favoráveis para a cultura.

Destaque para Alagoas, Bahia, Pernambuco e Paraíba, nessa produção regional de etanol.

TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE ETANOL TOTAL A PARTIR DA CANA-DE-AÇÚCAR - SAFRAS 2024/25 E 2025/26

Região/UF	Produção de etanol de cana-de-açúcar (em m3)						
	Safra 2024/25 (a)	Safra 2025/26 Lev. Anterior (b)	Safra 2025/26 Lev. Atual (c)	Variação		Variação	
				Absoluta (c-a)	% (c/a)	Absoluta (c-b)	% (c/b)
NORTE	250.990,0	231.966,0	228.146,4	(22.843,6)	(9,1)	(3.819,6)	(1,6)
AM	8.104,0	6.376,0	7.069,0	(1.035,0)	(12,8)	693,0	10,9
PA	50.292,0	50.292,0	55.538,0	5.246,0	10,4	5.246,0	10,4
TO	192.594,0	175.298,0	165.539,4	(27.054,6)	(14,0)	(9.758,6)	(5,6)
NORDESTE	1.994.154,0	2.005.166,9	1.910.427,2	(83.726,8)	(4,2)	(94.739,7)	(4,7)
MA	167.407,2	167.517,5	162.791,0	(4.616,2)	(2,8)	(4.726,5)	(2,8)
PI	31.655,0	30.738,0	30.738,0	(917,0)	(2,9)	-	-
RN	159.514,6	143.990,0	143.990,0	(15.524,6)	(9,7)	-	-
PB	388.363,0	342.320,0	358.557,0	(29.806,0)	(7,7)	16.237,0	4,7
PE	331.418,5	355.584,3	340.059,0	8.640,5	2,6	(15.525,3)	(4,4)
AL	451.482,6	472.668,1	427.021,2	(24.461,4)	(5,4)	(45.646,9)	(9,7)
SE	97.661,0	97.086,0	97.086,0	(575,0)	(0,6)	-	-
BA	366.652,0	395.263,0	350.185,0	(16.467,0)	(4,5)	(45.078,0)	(11,4)
CENTRO-OESTE	8.842.820,3	8.784.755,2	8.765.079,2	(77.741,1)	(0,9)	(19.676,0)	(0,2)
MT	1.159.571,7	1.131.220,6	1.165.864,3	6.292,6	0,5	34.643,7	3,1
MS	2.806.594,1	2.831.528,6	2.762.569,7	(44.024,3)	(1,6)	(68.958,9)	(2,4)
GO	4.876.654,5	4.822.006,0	4.836.645,1	(40.009,4)	(0,8)	14.639,1	0,3
SUDESTE	17.166.043,1	14.597.068,3	14.473.640,6	(2.692.402,5)	(15,7)	(123.427,7)	(0,8)
MG	3.412.548,8	3.000.418,1	2.801.359,6	(611.189,2)	(17,9)	(199.058,5)	(6,6)
ES	99.850,0	125.888,0	123.764,0	23.914,0	23,9	(2.124,0)	(1,7)
RJ	105.852,7	100.912,0	105.300,0	(552,7)	(0,5)	4.388,0	4,3
SP	13.547.791,5	11.369.850,2	11.443.217,0	(2.104.574,5)	(15,5)	73.366,9	0,6
SUL	1.096.332,3	1.146.379,8	1.174.118,2	77.785,9	7,1	27.738,4	2,4
PR	1.096.332,3	1.146.379,8	1.174.118,2	77.785,9	7,1	27.738,4	2,4
NORTE/NORDESTE	2.245.144,0	2.237.132,9	2.138.573,6	(106.570,4)	(4,7)	(98.559,3)	(4,4)
CENTRO-SUL	27.105.195,6	24.528.203,3	24.412.838,0	(2.692.357,7)	(9,9)	(115.365,3)	(0,5)
BRASIL	29.350.339,6	26.765.336,2	26.551.411,6	(2.798.928,0)	(9,5)	(213.924,6)	(0,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2025.

TABELA 4 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE ETANOL A PARTIR DO MILHO - SAFRAS 2024/25 E 2025/26

Região/UF	Etanol Anidro (Em mil l)				Etanol Hidratado (Em mil l)				Etanol Total (Em mil l)			
	Safra 2024/25	Safra 2025/26	Variação		Safra 2024/25	Safra 2025/26	Variação		Safra 2024/25	Safra 2025/26	Variação	
			Absoluta	%			Absoluta	%			Absoluta	%
NORDESTE	-	-	-	-	-	-	498.031,2	498.031,2	-	-	31,2	31,2
AL	-	-	-	-			31,2	31,2	-	-	31,2	31,2
CENTRO-OESTE	2.527.998,5	2.807.409,8	279.411,3	11,1	5.279.959,5	6.287.031,3	1.007.071,8	19,1	7.807.958,0	9.094.441,1	1.286.483,1	16,5
MT	1.793.111,5	2.135.143,5	342.032,0	19,1	3.624.888,5	3.965.266,5	340.378,0	9,4	5.418.000,0	6.100.410,0	682.410,0	12,6
MS	352.102,0	226.375,3	(125.726,7)	(35,7)	1.237.435,0	1.970.066,8	732.631,8	59,2	1.589.537,0	2.196.442,1	606.905,1	38,2
GO	382.785,0	445.891,0	63.106,0	16,5	417.636,0	351.698,0	(65.938,0)	(15,8)	800.421,0	797.589,0	(2.832,0)	(0,4)
SUL	28.979,6	13.579,0	(15.400,6)	(53,1)	2.556,1	1.520,0	(1.036,1)	(40,5)	31.535,7	15.099,0	(16.436,7)	(52,1)
PR	28.979,6	13.579,0	(15.400,6)	(53,1)	2.556,1	1.520,0	(1.036,1)	(40,5)	31.535,7	15.099,0	(16.436,7)	(52,1)
NORTE/NORDESTE	-	-	-	-	-	-	498.031,2	498.031,2	-	-	31,2	31,2
CENTRO-SUL	2.556.978,1	2.820.988,8	264.010,7	10,3	5.282.515,6	6.288.551,3	1.006.035,7	19,0	7.839.493,7	9.109.540,1	1.270.046,4	16,2
BRASIL	2.556.978,1	2.820.988,8	264.010,7	10,3	5.282.515,6	6.786.582,5	1.504.066,9	28,5	7.839.493,7	9.607.571,3	1.768.077,6	22,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2025.



Sistema de colheita

A consolidação da mecanização da colheita de cana-de-açúcar no país tem se tornado cada vez maior, com o crescimento rotineiro das operações mecanizadas frente à colheita manual ao longo das últimas safras. Embora a estimativa inicial para este ciclo seja semelhante à da safra passada, observa-se, nos últimos anos, que a colheita da cana-de-açúcar no Brasil evolui do sistema tradicional de colheita manual de cana inteira, com queima prévia do canavial, para o sistema de colheita mecanizada.

Na colheita manual, a queima prévia da palha facilita a tarefa de corte e aumenta a quantidade diária de cana-de-açúcar cortada, se comparada à colheita sem o uso da queima, além de reduzir o esforço físico despendido no trabalho. No entanto, é uma prática que provoca ampla discussão sobre seus efeitos à saúde da população circunvizinha à área produtora, necessitando de soluções para tal situação.

As questões ambientais, associadas ao sistema de corte da cana-de-açúcar, se manual ou mecanizado, são tratadas na agenda de discussão em vários estados. Assim, além da relevância em questão à topografia do relevo na decisão quanto ao tipo da colheita, é também importante a consideração

quanto à legislação estadual vigente, assim como aspectos socioeconômicos, oferta de mão de obra e/ou sistema de carregamento a ser utilizado.

Leis e programas de incentivo, que exigem a não utilização do fogo como prática de manejo, ajudaram para essa evolução. Além disso, boa parte das áreas cultivadas no país são aptas à colheita mecanizada, com relevos de pouca declividade, sobretudo na Região Centro-Sul.

A mecanização da colheita vem de uma visão em longo prazo, hoje é realidade em todos os estados produtores. Em menos de 20 anos, o número de colhedoras, no país, saltou de 1.221, na safra 2007/8, para mais de 5.000 nos tempos atuais. Além da maior quantidade de máquinas, elas estão mais eficientes.

A Região Centro-Sul concentra a maior parte da produção nacional, efetuando operações com tecnologia de ponta. A colheita mecanizada é utilizada em 98,6% da colheita. São Paulo, maior estado produtor, o índice de colheita mecanizada saiu de 62,7%, na safra 2010/11, para mais de 98%, na safra atual. A intensificação da colheita mecanizada é inevitável devido à evolução tecnológica, que possibilita um ganho ambiental e resulta, principalmente, em menor emissão de poluentes atmosféricos e na conservação do solo, além de proporcionar maior eficiência e redução dos custos de produção.

Na Região Nordeste, devido, principalmente, ao relevo mais acidentado, o percentual de operacionalização da colheita mecanizada ainda é baixo, mas vem aumentando rotineiramente. A estimativa, para a safra 2025/26, é que 27% da cana-de-açúcar na região seja colhida de forma mecanizada.

Na Região Norte, toda a colheita é realizada de forma mecanizada, desde a safra 2016/17.

TABELA 5 - COLHEITA MANUAL E MECANIZADA (EM %) - SAFRAS 2024/25 E 2025/26

Região/UF	Safra 2024/25		Safra 2025/26	
	Manual	Mecanizada	Manual	Mecanizada
NORTE	-	100,0	-	100,0
AM	-	100,0	-	100,0
PA	-	100,0	-	100,0
TO	-	100,0	-	100,0
NORDESTE	73,0	27,0	73,0	27,0
MA	21,8	78,2	24,2	75,8
PI	86,0	14,0	88,0	12,0
RN	24,4	75,6	6,0	94,0
PB	61,7	38,3	62,3	37,7
PE	93,7	6,3	95,4	4,6
AL	92,1	7,9	50,7	49,3
SE	79,5	20,5	77,9	22,1
BA	57,3	42,7	44,0	56,0
CENTRO-OESTE	0,6	99,4	0,6	99,4
MT	-	100,0	-	100,0
MS	0,3	99,7	-	100,0
GO	2,1	97,9	1,5	98,5
SUDESTE	1,6	98,4	1,6	98,4
MG	0,5	99,5	-	100,0
ES	21,4	78,6	16,9	83,1
RJ	81,9	18,1	83,3	16,7
SP	1,8	98,2	0,7	99,3
SUL	1,6	98,4	1,6	98,4
PR	1,7	98,3	1,8	98,2
NORTE/NORDESTE	68,0	32,0	68,0	32,0
CENTRO-SUL	1,4	98,6	1,4	98,6
BRASIL	7,6	92,4	7,6	92,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2025.



Exportações e importações de açúcar e etanol

O terceiro levantamento mantém o quadro de safra ligeiramente menor. Mesmo com mix mais favorável ao açúcar, a menor qualidade da matéria-prima limita ganhos de produção por tonelada, havendo recuo do mix nas últimas quinzenas, indicando menor atratividade relativa em parte das regiões, enquanto o ATR permanece abaixo do observado no ano passado.

Além disso, registra-se formação robusta de estoques de VHP, açúcar bruto de cor marrom clara e com alto teor de sacarose, em setembro, elevando a relação estoque/exportação. Essa dinâmica decorreu devido à queda nas exportações no acumulado da safra, que segue com volume embarcado de 17,7 milhões de toneladas de abril a setembro, queda de -9% em relação ao mesmo período da safra anterior. Apesar disso, espera-se desaceleração da formação de estoques em outubro, com a maior incidência de chuvas e afastamento do pico de moagem.

Este cenário contribui para a pressão baixista observada na bolsa de Nova York no início de outubro, à medida que projeções externas incorporaram produção brasileira ligeiramente maior e demanda interna mais fraca, ampliando o excedente exportável. Ainda assim, o ajuste do USDA (consumo doméstico revisto para aproximadamente 9 milhões de toneladas) tende

a atenuar a percepção de enfraquecimento e pode favorecer a retomada gradual dos preços do cristal no mercado físico ao longo do quarto trimestre, com a sazonalidade do consumo.

Já para o etanol, o recuo do ATR e a maior atratividade relativa do açúcar seguiram restringindo a oferta do biocombustível, porém o etanol de milho mantém trajetória de expansão, funcionando como amortecedor da produção total ao longo da entressafra da cana.

As vendas de etanol no mercado interno seguem em bons patamares, sobretudo no anidro, refletindo maior demanda pela mistura e reposição de estoques pelas distribuidoras. Já o hidratado segue sensível à paridade com a gasolina e ao câmbio. Com a safra avançando para a reta final, com ATR baixo, oferta total ainda retraída e vendas de anidro firmes, o etanol tende a operar em faixa estável à ligeiramente firme no quarto trimestre, com sensibilidade também ao ritmo de recomposição de estoques pelas distribuidoras.

Um ponto de atenção para o cenário é a combinação de câmbio e petróleo, onde movimentos bruscos afetam a paridade hidratado/gasolina e a competitividade do açúcar brasileiro, o que pode afetar o mix das usinas.

Outro ponto que merece destaque é um possível impacto das negociações do chamado tarifaço entre os governos, bem como a possibilidade de aumento das importações de etanol dos Estados Unidos para o mercado brasileiro. A disposição do Brasil em ceder em relação ao etanol aparece vinculada à busca de alívio para setores afetados nos Estados Unidos (carne, café, etc.). Caso haja troca de concessões, o resultado líquido para o setor sucroenergético pode incorrer em maior competição do etanol importado no Brasil, sendo possível um viés baixista regional para hidratado, sobretudo no Nordeste, e

um teto para altas no anidro, se o imposto reduzir. Além disso, este cenário pode reforçar o mix pró-açúcar no Centro-Sul, caso a paridade do etanol piore.



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

